

# **Um estudo sobre a fecundidade das mulheres brasileiras na década de noventa\***

**Steven Dutt-Ross<sup>§</sup>**

**Danielle Christtine Caramico Steffen de Cruz Sánchez<sup>~</sup>**

**Ana Amélia Camarano<sup>©</sup>**

Palavras chaves: Fecundidade brasileira; Variáveis sócio-econômicas; Método de Brass; Comparações entre Censos.

## **Resumo**

O objetivo deste trabalho é o de estudar o comportamento da fecundidade das mulheres brasileiras em idade fértil nos Censos de 1991 e 2000, para o país, por grandes regiões da federação e por algumas variáveis sócio-econômicas, a saber: situação do domicílio, estado conjugal, educação da mulher, renda da mulher e renda total do domicílio.

Para tal fim, calculou-se a Taxa de Fecundidade Total (TFT) para essas subpopulações femininas, para os dois Censos, analisando se a evolução da TFT dentro das categorias de cada variável seguiu um padrão homogêneo em relação ao total da variável. Essa TFT foi corrigida pelo método da Razão P/F, derivado do método de Brass, apresentada no Manual X das Nações Unidas.

Detectamos que a fecundidade continuou a cair em todas as regiões do Brasil. Essa queda, porém, não ocorreu igualmente em todas as regiões. A fecundidade da Região Norte caiu de 4,14 para 3,13, enquanto na Região Sudeste a queda foi de 2,35 para 2,10. Percebemos também a existência de uma fecundidade crescente nas jovens abaixo de 20 anos, para qualquer categoria de quaisquer uma das variáveis estudadas. Constatamos também um fenômeno novo, na região Sudeste: o aumento da fecundidade das mulheres nunca unidas entre 1991 e 2000. Esse aumento teve um grande impacto pois apesar de todas as mulheres nunca unidas no resto do Brasil terem diminuído sua fecundidade, o total do país apresentou um aumento significativo.

---

\* “Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004”.

<sup>§</sup> Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE.

<sup>~</sup> Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE.

<sup>©</sup> ENCE/IBGE e IPEA.

# **Um estudo sobre a fecundidade das mulheres brasileiras na década de noventa\***

**Steven Dutt-Ross<sup>S</sup>**

**Danielle Christtine Caramico Steffen de Cruz Sánchez<sup>~</sup>**

**Ana Amélia Camarano<sup>©</sup>**

## **Introdução**

É de conhecimento de todos que a fecundidade no Brasil tem declinado no século XX, Mas a velocidade das mudanças na fecundidade teve grande variação por regiões brasileiras e por grupos socioeconômicos.

Estudos mais detalhados sobre a fecundidade das mulheres brasileiras, explicitados em Camarano (1996b), Frias e Oliveira (1991), Frias e Carvalho (1994) e Horta, Carvalho e Frias (2000), entre outros, apresentam análises históricas de TFT's por coortes, por classes de renda.

Para Beisso (1981), o grau de urbanização constitui um indicador de desenvolvimento setorial. Um maior grau de urbanização implica um menor desenvolvimento do setor agrícola, uma maior importância do setor terciário e, eventualmente, do secundário. Também as variáveis de estrutura sócio-cultural têm grande importância, sendo estas divididas em três: grau de instrução dos chefes de família, o grau de instrução das mulheres e a taxa matrimonial feminina. As duas primeiras determinam o nível de educação da sociedade e constituem um indicador de desenvolvimento geral que também, em grande parte, depende das possibilidades econômicas. A taxa matrimonial feminina relaciona-se também com aspectos de estrutura socioeconômicas, mas em grande parte é influenciada pelo desenvolvimento cultural de cada região.

Outra variável considerada em Beisso (1981) foi o status sócio-econômico que reflete a influência do sistema de estratificação social sobre as decisões relativas a tamanho de família. O sistema sócio-econômico, conforme vai evoluindo e desenvolvendo-se, vai também dinamizando o sistema de classes. Os indivíduos vão se deslocando de uma classe para a outra, as classes vão mudando seus interesses, normas e valores, e tudo contribui para a ocorrência de mudanças nos padrões de consumo.

Segundo Camarano e Carneiro (1998) a fecundidade precisa ser desagregada em variáveis regionais e sociais, como no texto abaixo.

---

\* "Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004".

<sup>~</sup> Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE.

<sup>©</sup> Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE.

<sup>S</sup> ENCE/IBGE e IPEA.

*“Uma característica da dinâmica regional é a existência de grandes diferenças regionais e sociais. Mesmo entre as regiões mais urbanizadas, as tendências de fecundidade e de mortalidade são muito diferenciadas. Isso mostra que, assim como outras características da economia e da história social brasileira, os dados nacionais mascaram importantes diferenças regionais. É evidente que num país de dimensões continentais como grandes diferenças socioeconômicas como no Brasil, somente uma análise com maior desagregação regional, e até social, pode encontrar particularidades no comportamento reprodutivo.”*

Nesse trabalho estudamos o comportamento da fecundidade das mulheres brasileiras entre os Censos de 1991 e 2000, como essa fecundidade se comporta dentro de populações de mulheres desagregadas por categorias de variáveis sócio-econômicas e como essas categorias se comportaram nesse período. Detectamos a queda fecundidade em todas as regiões do Brasil, mas percebemos a existência de uma fecundidade crescente nas jovens abaixo de 20 anos. Constatamos também um fenômeno novo, na região Sudeste: o aumento da fecundidade das mulheres nunca unidas entre 1991 e 2000. Esse aumento foi tão grande que, apesar de todas as mulheres nunca unidas no resto do Brasil terem diminuído sua fecundidade, o total do país apresentou um aumento significativo.

Sobre a metodologia do trabalho: todas as TFTs do trabalho foram corrigidas pelo método da Razão P/F, derivado do método de Brass, apresentado no Manual X das Nações Unidas (1986). O padrão adotado foi utilizar a Razão P/F da segunda coorte em idade reprodutiva, a de 20 a 24 anos. Como a escolha do fator de correção (a razão P/F) é feita sobre a coorte com maior taxa específica de fecundidade, e, como neste trabalho efetuamos o cálculo de TFT's para diversas variáveis sócio-econômicas, algumas das categorias das variáveis estudadas tiveram correções efetuadas em razões P/F de outras coortes, principalmente a de 25 a 29 anos, e em alguns casos, a coorte escolhida foi a de 30 a 34 anos.

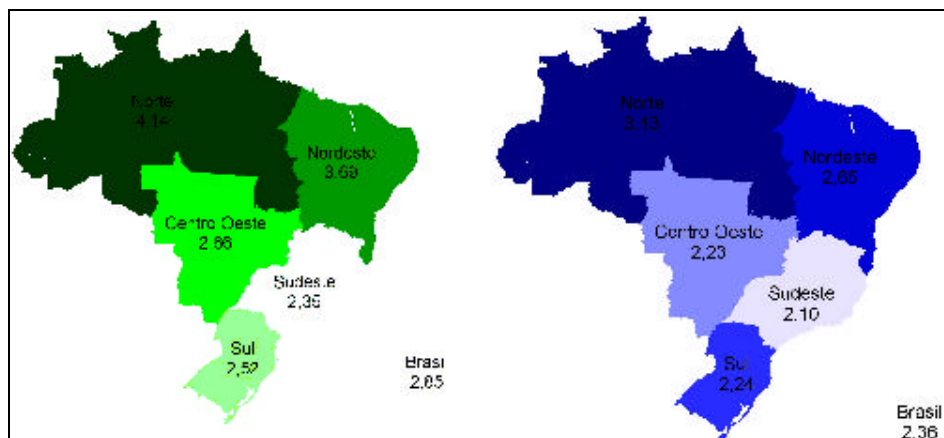
A correção utilizada está descrita em no Manual X das Nações Unidas (1986), páginas 34 a 39, sob o título “O método P/F baseado em dados sobre todos os filhos nascidos vivos” e não será detalhada no presente trabalho.

# 1 A Fecundidade Brasileira na década de noventa – Comparações entre os Censos de 1991 e de 2000

## 1.1 Taxa de Fecundidade Total

Observamos que houve uma queda na fecundidade, assim como a TFT caiu em todas as regiões. As regiões que em 1991 apresentavam as maiores TFTs (Norte e Nordeste) foram as que sofreram as maiores quedas.

Mapa 1 – Taxa de Fecundidade Total por grandes regiões da federação – Censos 1991 e 2000



Fonte: IBGE, Censos 1991 e 2000

Ressaltamos também que as mulheres dessas duas regiões, que somam pouco mais de 30% das mulheres férteis do país, possuem as TFTs mais altas, enquanto as mulheres da região Sudeste, que representam quase metade das mulheres férteis do país nos dois Censos, apresentam a menor TFT para o país em ambas as pesquisas.

Gráfico 1 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e grandes regiões da federação – comparação entre os Censos de 2000 e de 1991

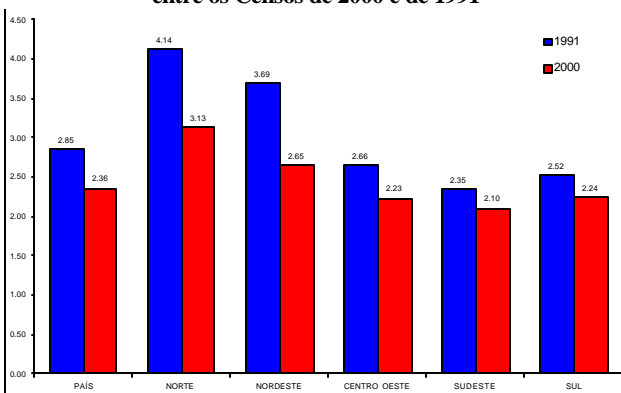
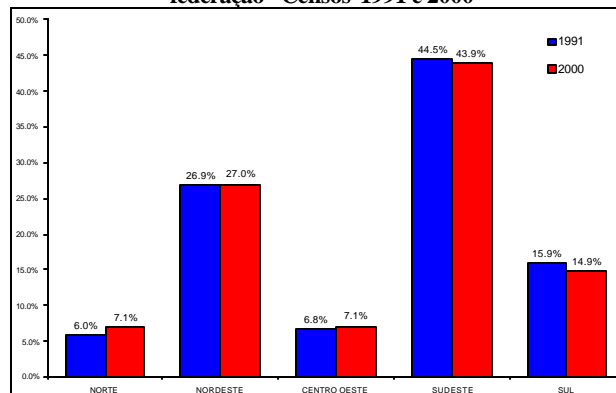


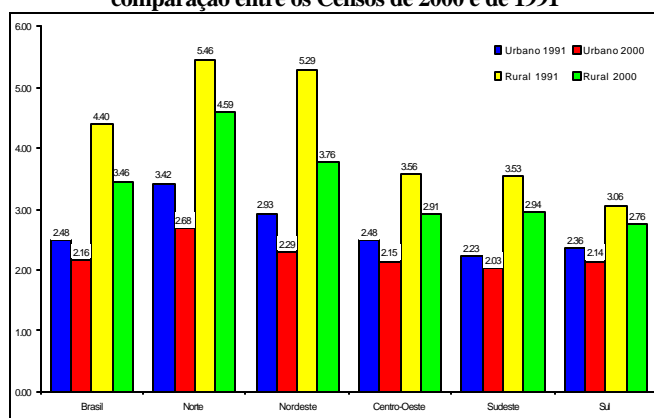
Gráfico 2 - Distribuição das mulheres em idade fértil (15 a 49 anos), por grandes regiões da federação - Censos 1991 e 2000



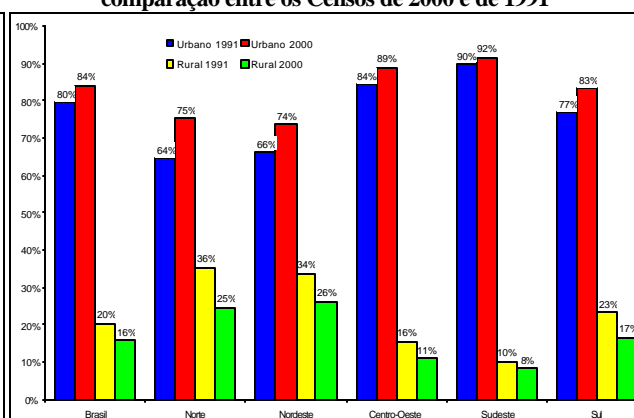
## 1.2 Taxa de Fecundidade Total – por Condições do Domicílio

Podemos observar que as TFTs caíram para ambas as categorias da variável situação do domicílio no período intercensitário. Conjuntamente com a queda das TFTs podemos observar também um aumento da população feminina em idade fértil na zona urbana, e, conseqüentemente, uma queda na zona rural. Dado o curto intervalo de tempo, essa mudança se deve, principalmente, à migração dessas mulheres da zona rural para a urbana, e é provável que essas mulheres experimentaram uma queda em suas TFTs mais drástica do que todas as outras mulheres, pois a TFT da zona rural em 1991 era a mais alta entre todas (incluindo os dois Censos), e a da zona urbana em 2000, a menor de todas.

**Gráfico 3 – Taxa de Fecundidade Total, por situação do domicílio, Brasil e grandes regiões da federação – comparação entre os Censos de 2000 e de 1991**



**Gráfico 4 – Distribuição das mulheres em idade fértil por situação do domicílio, para Brasil e grandes regiões da federação – comparação entre os Censos de 2000 e de 1991**



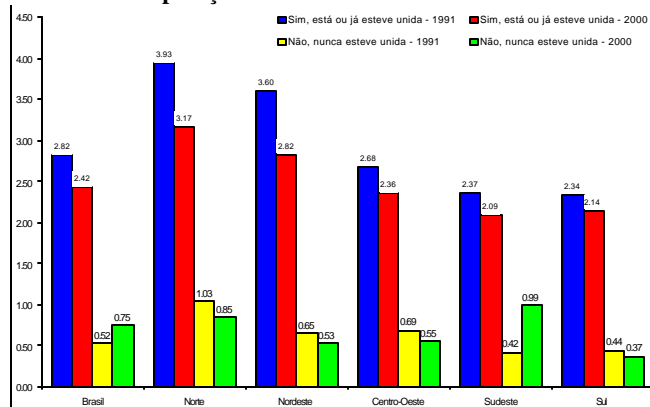
Em geral, as regiões que possuem um menor percentual de mulheres em idade fértil na zona rural têm também uma TFT menor nesta área (regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste), em comparação com as regiões que apresentam um percentual maior de mulheres em idade fértil na zona rural (regiões Norte e Nordeste). Estas apresentam TFTs maiores para a zona rural. O comportamento inverso é observado para as TFTs da zona urbana, quando comparadas ao percentual de mulheres em idade fértil na zona urbana.

## 1.3 Taxa de Fecundidade Total – por Estado Conjugal

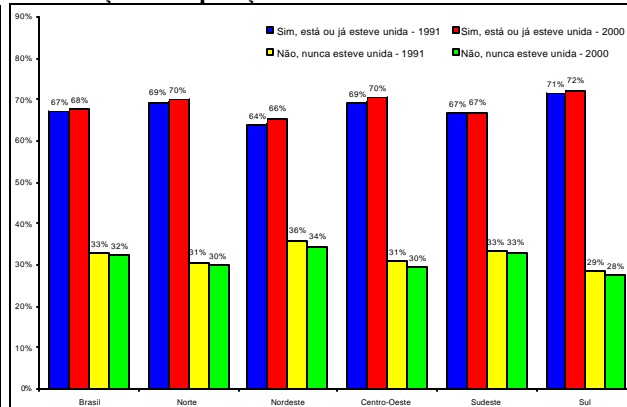
Para fins comparativos, as categorias "sim, está atualmente unida" e "não, mas já esteve unida anteriormente", para a variável "situação conjugal", no Censo 2000 foram agrupadas em uma única categoria compatível com a categoria "sim, está ou já esteve unida" da variável "estado conjugal", no Censo de 1991.

As TFTs de todas as categorias da variável estudada apresentaram queda no período intercensitário, com exceção das mulheres "nunca unidas" na região Sudeste, onde apresentou em 2000 um aumento de mais que o dobro do valor observado em 1991. Comparando o gráfico das TFTs com o da distribuição das mulheres em idade fértil nos dois Censos, observamos que quase não houve mudança nas distribuições da população de mulheres em idade fértil entre as duas categorias da variável estudada. A única região que apresenta uma mudança significativa na distribuição é a região Nordeste, que aumentou o percentual de mulheres com algum tipo de união. Ou seja, com exceção do Nordeste, todas as outras regiões não sofreram influência de uma possível mudança na distribuição da população de mulheres em idade fértil.

**Gráfico 5 – Taxa de Fecundidade Total, por estado conjugal, Brasil e grandes regiões da federação – comparação entre os Censos de 2000 e de 1991**



**Gráfico 6 – Distribuição das mulheres em idade fértil por estado conjugal, para Brasil e grandes regiões da federação – comparação entre os Censos de 2000 e de 1991**

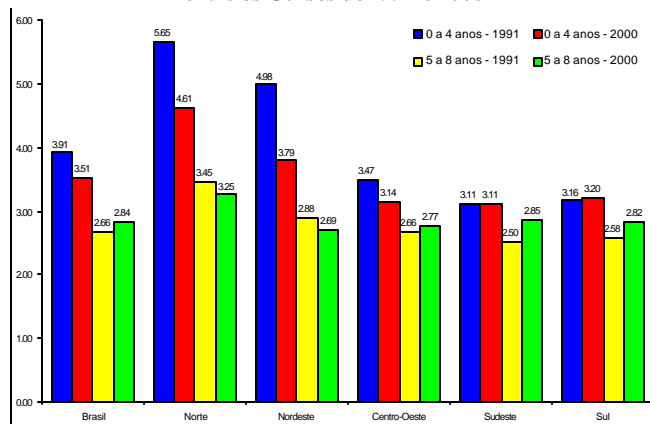


O comportamento das mulheres nunca unidas na região Sudeste é extremamente interessante. Elas foram as únicas mulheres que apresentaram um aumento em sua fecundidade, apesar de seu estado conjugal. No entanto, o valor da TFT continua muito inferior ao das mulheres em algum instante unidas, mas tem um patamar muito próximo ao das mulheres nunca unidas na região Norte. Nesta região encontram-se as maiores TFTs para todas as categorias dessa variável, em ambos os Censos. A intensidade desse aumento nessa categoria é tamanha, que influenciou a TFT das mulheres nunca unidas do país como um todo, aumentando em cerca de 50% em relação à TFT apurada para esta categoria no Censo de 1991.

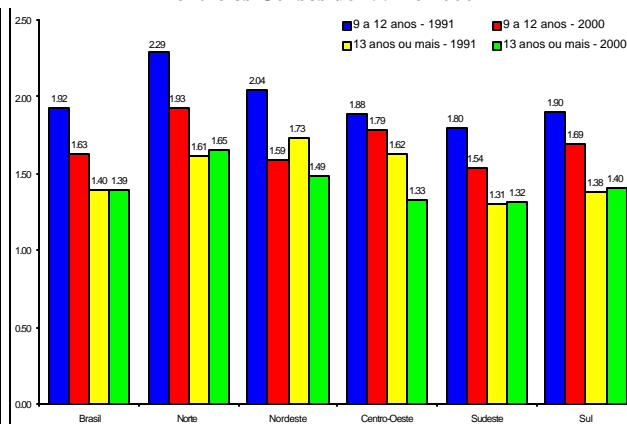
#### 1.4 Taxa de Fecundidade Total – por Faixas de Educação da Mulher

O gráfico das TFTs por categorias da variável educação da mulher foi separado em dois para melhor visualização do comportamento entre os dois Censos.

**Gráfico 7 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de educação de 0 a 4 anos e 5 a 8 anos de estudo – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**



**Gráfico 8 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de educação de 9 a 12 anos e 13 anos ou mais de estudo – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**



Para a categoria de 0 a 4 anos de estudo, observa-se que, com exceção das regiões Sudeste e Sul (que permaneceram com as TFTs praticamente constantes nesse período), as outras regiões apresentaram queda pronunciada na TFT para essa faixa, que se reflete na TFT

nacional. Para a categoria de 5 a 8 anos de estudo, as regiões Norte e Nordeste apresentaram queda nas TFTs, mas as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul apresentaram elevação, que se refletiu no valor da TFT para essa faixa no Brasil como um todo. Na categoria de 9 a 12 anos de estudo houve uma queda generalizada da TFT para todas as regiões do país. A categoria de 13 anos ou mais de estudo da mulher apresentou uma ligeira subida nas regiões Norte, Sudeste e Sul, e queda nas regiões Centro-Oeste e Nordeste.

A sequência de gráficos a seguir, que se repetem nas seções subsequentes para as variáveis relacionadas com a renda, tem o intuito de facilitar a análise integrada do comportamento das TFTs no período com a distribuição das mulheres em idade fértil pelas categorias da variável estudada, que no gráfico aparece como distribuição acumulada.

Podemos ver, pelo gráfico 14, que a distribuição das mulheres dentro das categorias de escolaridade deslocou-se para faixas mais altas de educação, e que, apesar da TFT da faixa de 5 a 8 anos de estudo ter aumentado, essa TFT incide, em 2000, sobre um percentual menor de mulheres em relação a 1991.

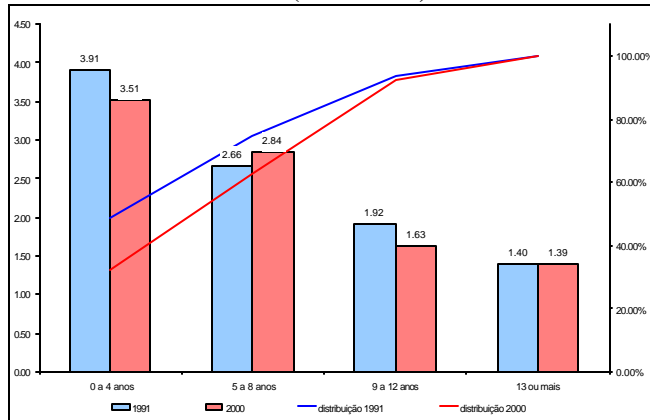
Em relação às mulheres da região Norte, observa-se que o deslocamento das mulheres para faixas mais altas de educação se repete, e a TFT diminui para todas as faixas de educação com exceção da faixa de 13 anos ou mais (pode ser devido a problemas de amostragem).

A região Nordeste apresenta um comportamento curioso: quase não há mudança na distribuição da população feminina entre as faixas de educação, mas ainda assim há uma diminuição da TFT em todas as faixas de estudo analisadas.

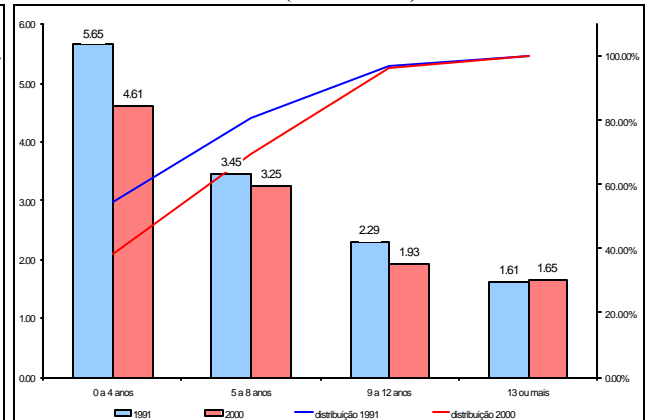
O Centro-Oeste apresenta um padrão de fecundidade por escolaridade muito interessante: a população feminina em idade fértil tornou-se mais escolarizada nessa última década, e as TFTs caíram, à exceção, novamente, da faixa de 5 a 8 anos de estudo, que apresentou um acréscimo em 2000 em relação ao valor de 1991.

O comportamento da região Sudeste é parecido com o da Centro-Oeste. A diferença é que a última faixa de estudo permanece praticamente estável (um aumento muito sutil, talvez devido a problemas de amostragem), ao invés de cair. Observa-se, também, um aumento significativo na escolaridade das mulheres em idade fértil, principalmente em relação à faixa dos 9 a 12 anos de estudo. A região Sul apresenta um comportamento muito similar ao da região Sudeste, tanto para a distribuição das mulheres em idade fértil quanto para as TFTs.

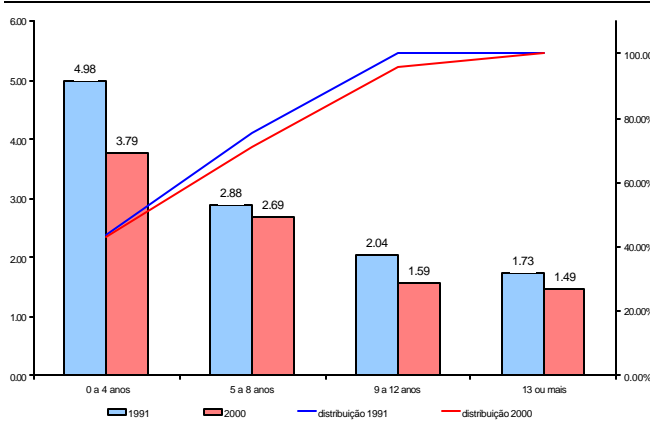
**Gráfico 9 - Comparação para o país por faixas de educação, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



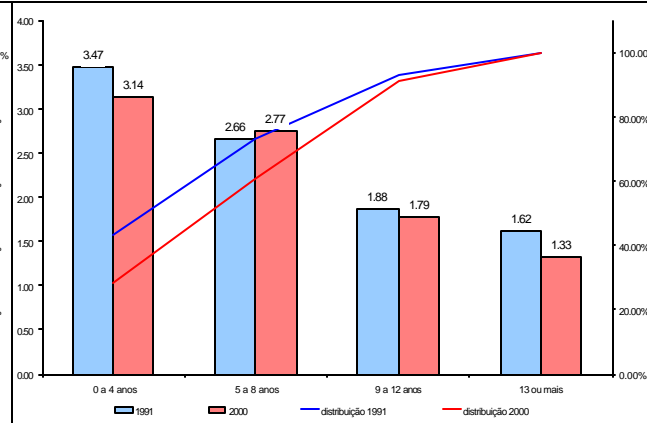
**Gráfico 10 - Comparação para a região Norte por faixas de educação, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



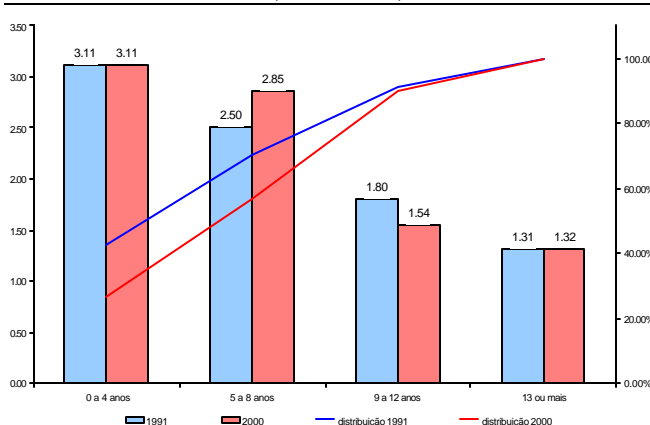
**Gráfico 11 - Comparação para a região Nordeste por faixas de educação, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



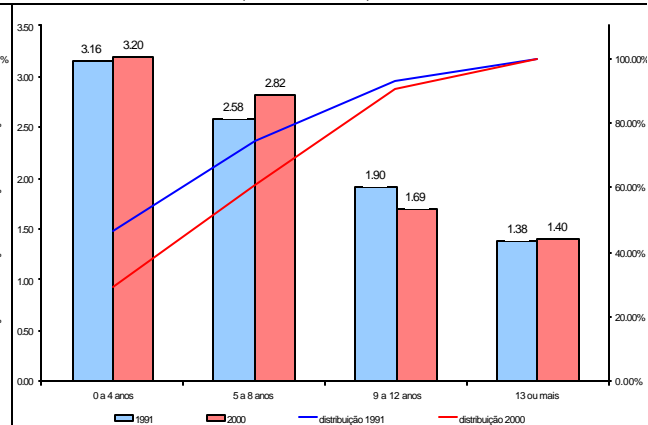
**Gráfico 12 - Comparação para a região Centro-Oeste por faixas de educação, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



**Gráfico 13 - Comparação para a região Sudeste por faixas de educação, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



**Gráfico 14 - Comparação para a região Sul por faixas de educação, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



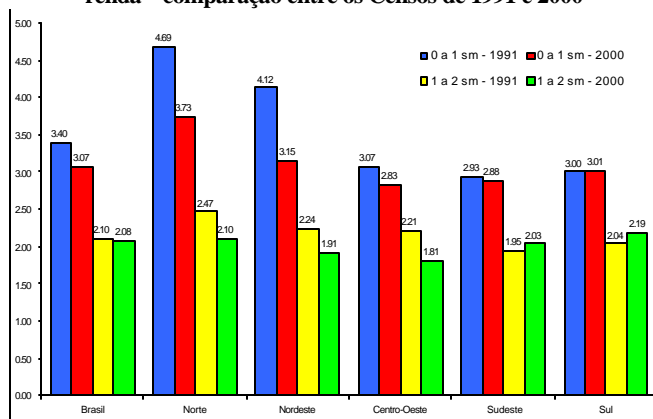


## 1.5 Taxa de Fecundidade Total – por Faixas de Renda de Mulher

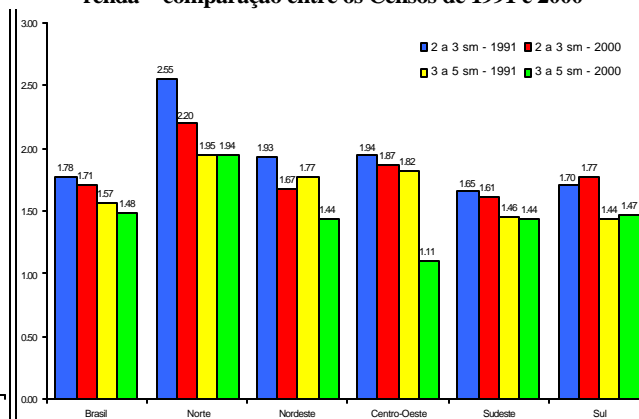
Novamente o gráfico foi separado em três gráficos diferentes, para facilitar a visualização do comportamento dos dois Censos, comparativamente.

As mulheres de 0 a 1 salário mínimo de rendimento apresentaram queda na fecundidade em todas as regiões do país. As com rendimento próprio, de 1 a 2 salários mínimos, apresentaram uma queda generalizada também, mas nas regiões Sul e Sudeste houve um ligeiro aumento, que não se refletiu na TFT dessa categoria para o país. Nas duas categorias seguintes, 2 a 3 e 3 a 5 salários mínimos de renda própria, houve também queda generalizada nas TFTs de 2000 quando comparadas com as de 1991 para a mesma categoria, com exceção da região Sul que continuou apresentando TFTs mais altas em 2000 em relação a 1991.

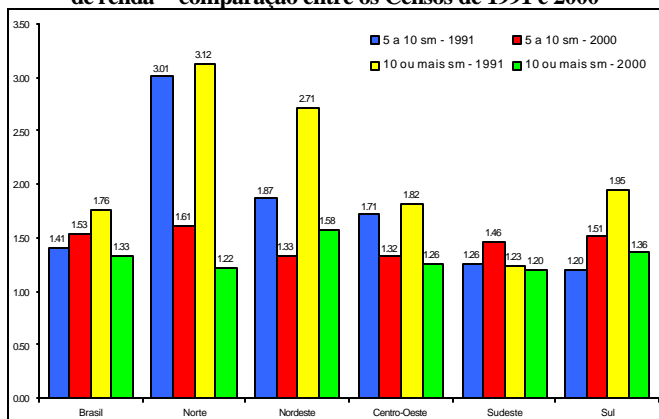
**Gráfico 15 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de renda da mulher de 0 a 1 salários mínimos e 1 a 2 salários mínimos de renda – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**



**Gráfico 16 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de renda da mulher de 2 a 3 salários mínimos e 3 a 5 salários mínimos de renda – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**



**Gráfico 17 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de renda da mulher de 5 a 10 salários mínimos e 10 ou mais salários mínimos de renda – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**



Quanto às últimas faixas de renda própria da mulher, observa-se que as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentam queda em suas TFTs, mas as regiões Sudeste e Sul apresentam aumento na faixa de 5 a 10 salários mínimos de renda, que se reflete na TFT para

essa categoria no país. Os seguintes gráficos trazem as distribuições acumuladas da população feminina em idade fértil, de acordo com as categorias da variável analisada.

Observa-se para o país como um todo, que a distribuição das mulheres, segundo faixas de rendimento próprio em salários mínimos, "se deslocou" para a direita, ou seja, as mulheres passaram a ganhar mais de uma maneira geral. Na maioria das faixas de renda, houve uma queda da TFT, exceto para a faixa de 5 a 10 salários mínimos, que apresentou um aumento.

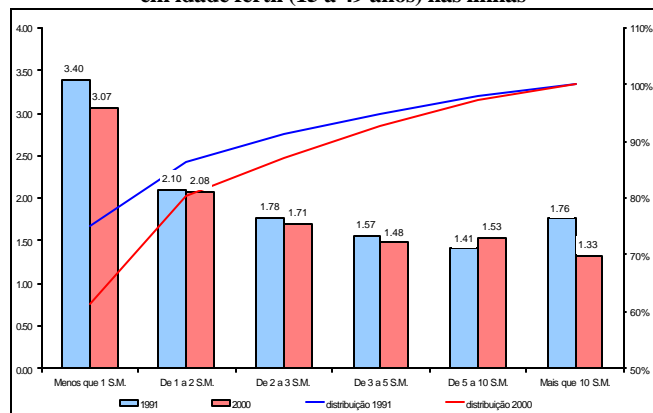
Observa-se para o país como um todo, que a distribuição das mulheres, segundo faixas de rendimento próprio em salários mínimos, "se deslocou" para a direita, ou seja, as mulheres passaram a ganhar mais de uma maneira geral. Na maioria das faixas de renda, houve uma queda da TFT, exceto para a faixa de 5 a 10 salários mínimos, que apresentou um aumento.

Na região Norte, a distribuição das mulheres segundo faixas de rendimento próprio em salários mínimos também "se deslocou" para a direita, mas em menor grau do que a do país, e para todas as faixas de renda houve uma queda da TFT (ou esta permaneceu estável). A região Nordeste repete o comportamento da região Norte, com a distribuição das mulheres por faixa de renda ligeiramente mais à direita do que a desta região (a massa de mulheres tem rendimentos próprios um pouco maior que a da região Norte). O comportamento de queda da fecundidade dentro das categorias da variável também está presente. Movimento igual observa-se na região Centro-Oeste, tendo sido o aumento da renda das mulheres mais acentuado do que nas outras duas regiões. A fecundidade caiu em todas as faixas de renda.

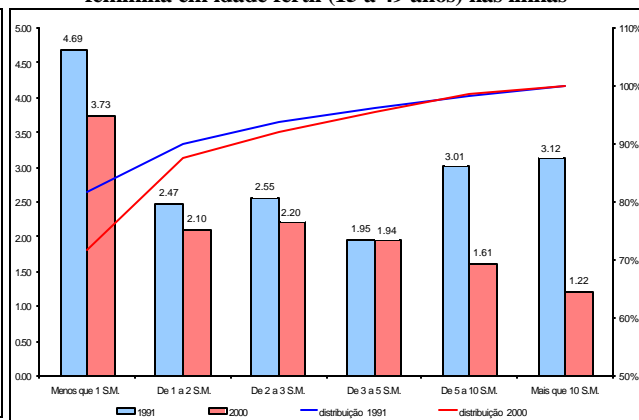
Em relação às duas últimas regiões (Sudeste e Sul), nota-se um comportamento bastante curioso. A região Sudeste mostrou um crescimento na TFT das mulheres nas faixas de renda de 1 a 2 e de 5 a 10 salários mínimos, enquanto as outras faixas apresentaram estabilidade ou uma ligeira queda. Já a região Sul apresentou aumento em todas as faixas de renda, exceto na última, onde se observou uma forte queda. As duas regiões apresentaram um grande aumento na renda da mulher, causado pelo deslocamento das mulheres para faixas de renda própria mais altas.

Cabe notar, em relação aos gráficos com as TFTs para cada região e para o país, que em 1991 a região Sudeste era a única que apresentava um padrão monotônico decrescente para as TFTs em função do aumento da renda da mulher. As outras regiões apresentavam um padrão de aumento das TFT's nas últimas faixas de renda. Em 2000, esse padrão mudou, apresentando TFTs mais baixas para as faixas de renda mais altas, mas com algumas "perturbações", como no caso da faixa de 5 a 10 salários mínimos, que apresenta um ligeiro aumento em relação à faixa imediatamente anterior nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

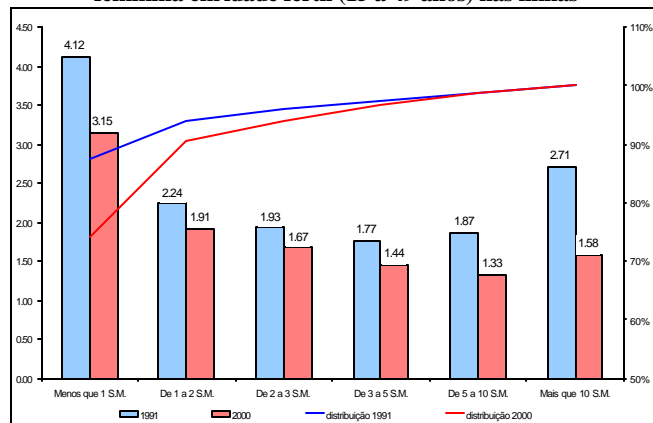
**Gráfico 18 - Comparação para o país por faixas de renda da mulher, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



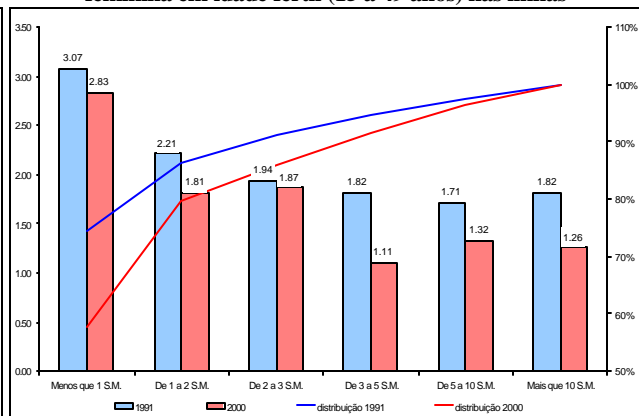
**Gráfico 19 - Comparação para a Região Norte por faixas de renda da mulher, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



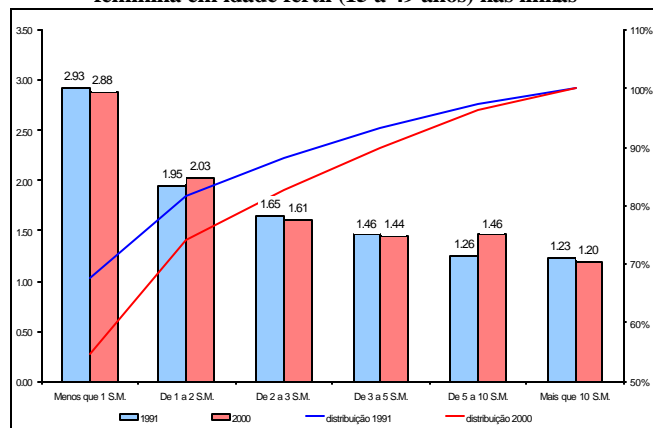
**Gráfico 20 - Comparação para a Região Nordeste por faixas de renda da mulher, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



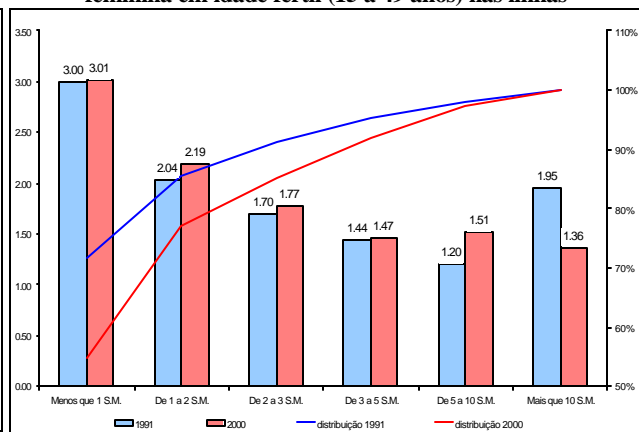
**Gráfico 21 - Comparação para a Região Centro-Oeste por faixas de renda da mulher, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



**Gráfico 22 - Comparação para a Região Sudeste por faixas de renda da mulher, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



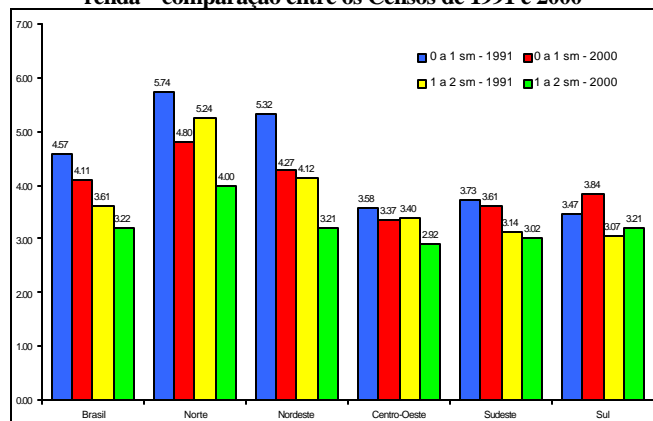
**Gráfico 23 - Comparação para a Região Sul por faixas de renda da mulher, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



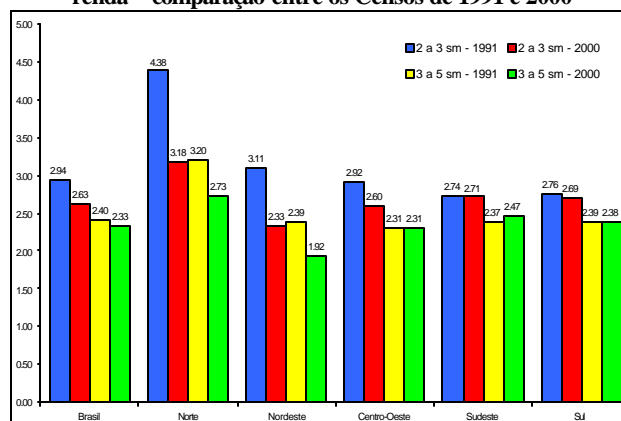
## 1.6 Taxa de Fecundidade Total – por Faixas de Renda Domiciliar

O comportamento das TFTs em função da renda domiciliar é bastante homogêneo: decresce com o aumento da renda na maioria das categorias e regiões. As exceções são as TFTs das faixas de 0 a 1 e 1 a 2 salários mínimos de renda domiciliar total para a região Sul e 3 a 5 salários mínimos para a região Sudeste.

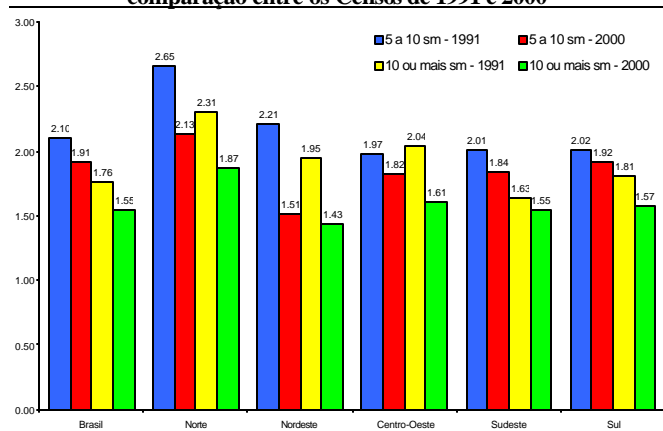
**Gráfico 24 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de renda domiciliar de 0 a 1 salários mínimos e 1 a 2 salários mínimos de renda – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**



**Gráfico 25 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de renda domiciliar de 2 a 3 salários mínimos e 3 a 5 salários mínimos de renda – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**

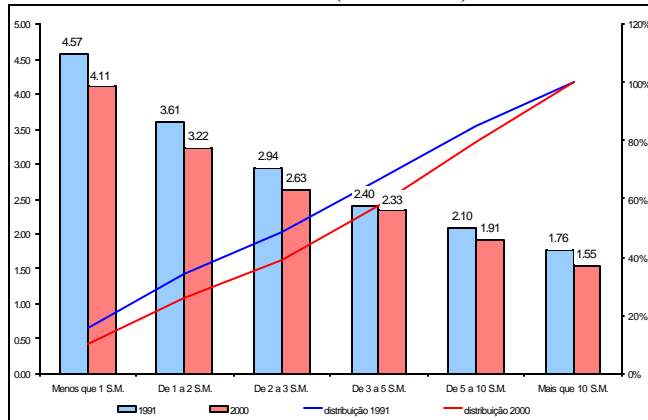


**Gráfico 26 – Taxa de Fecundidade Total, Brasil e Grandes Regiões, por faixa de renda domiciliar de 5 a 10 salários mínimos e 10 ou mais salários mínimos de renda – comparação entre os Censos de 1991 e 2000**

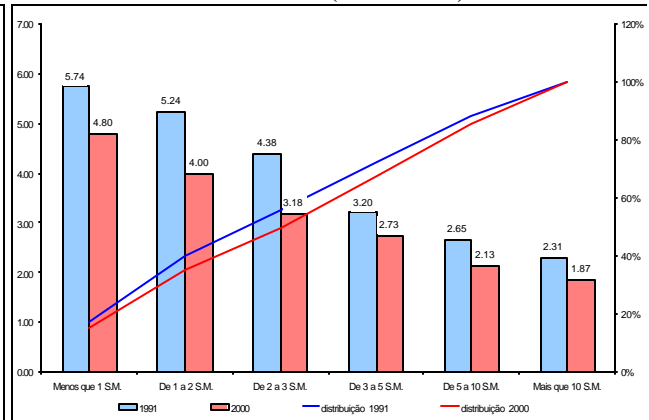


Comparando a distribuição das mulheres em idade fértil, observa-se um deslocamento da curva para a direita, o que caracteriza um enriquecimento das famílias. Novamente percebe-se que somente as categorias das regiões citadas acima apresentam TFTs crescentes no período.

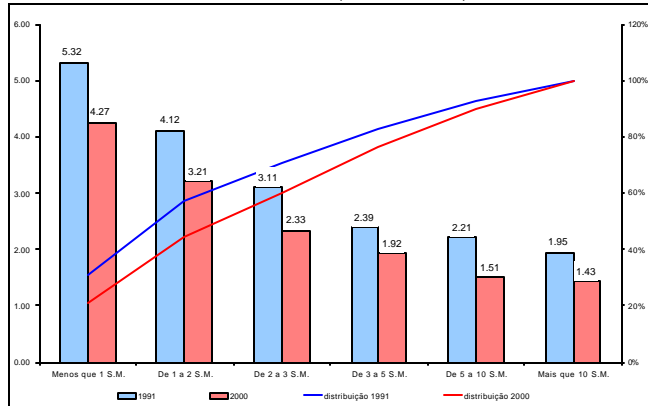
**Gráfico 27 - Comparação para o país por faixas de renda domiciliar, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



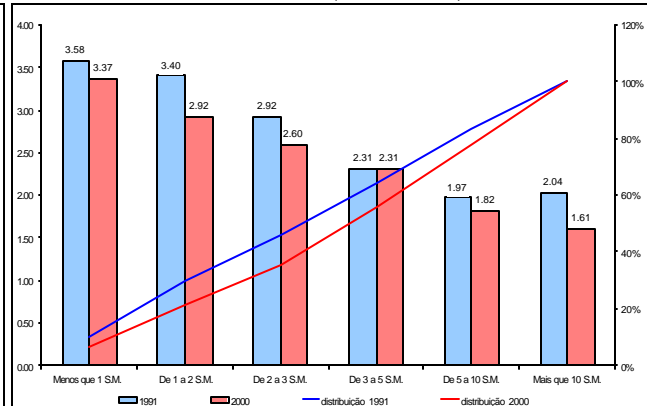
**Gráfico 28- Comparação para a Região Norte por faixas de renda domiciliar, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



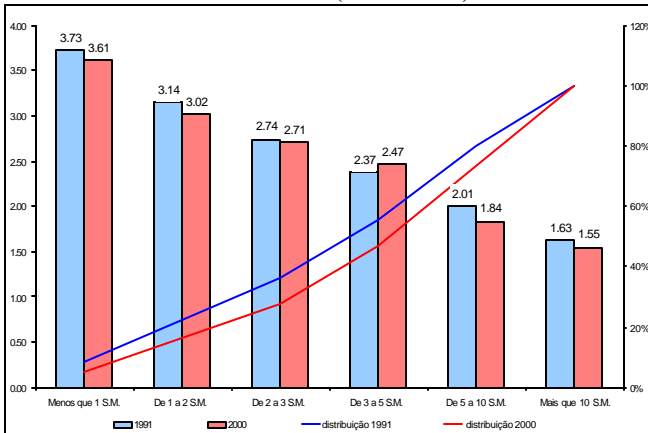
**Gráfico 29 - Comparação para a Região Nordeste por faixas de renda domiciliar, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



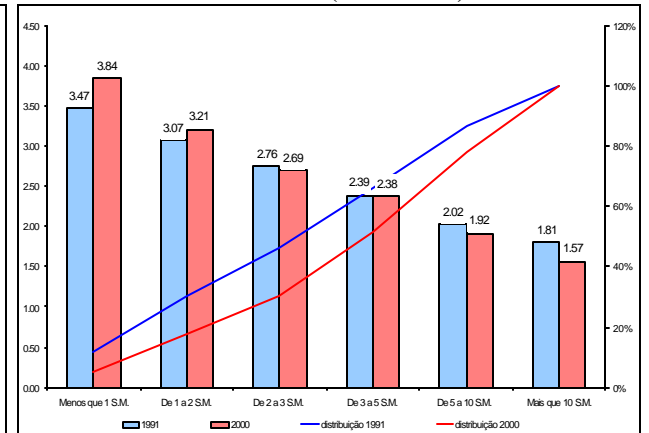
**Gráfico 30 - Comparação para a Região Centro-Oeste por faixas de renda domiciliar, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



**Gráfico 31 - Comparação para a Região Sudeste por Faixas de renda domiciliar, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



**Gráfico 32 - Comparação para a Região Sulpor faixas de renda domiciliar, tendo TFTs de 2000 e 1991 nas barras e a distribuição acumulada da população feminina em idade fértil (15 a 49 anos) nas linhas**



## 2 CONCLUSÕES FINAIS

A década de noventa continuou registrando um decréscimo na fecundidade observado desde a década de 70.

Essa queda, porém, não ocorreu igualmente em todas as regiões. A fecundidade da Região Norte caiu de 4,14 para 3,13 na Região Norte enquanto a Região Sudeste a queda foi de 2,35 para 2,10.

Observamos também que a queda não ocorreu por igual desagregada pela situação do domicílio, sendo mais acentuada na zona rural que na zona urbana.

A fecundidade continua sendo, principalmente, marital (as mulheres que nunca viveram em algum tipo de união têm uma TFT muito mais baixa que as atualmente unidas ou que já estiveram unidas em algum instante no passado).

No Brasil, a fecundidade das mulheres unidas decresceu, enquanto a fecundidade das nunca unidas teve um ligeiro aumento, causado principalmente devido à região Sudeste.

Em relação a educação, as faixas de 0 a 4, 9 a 12, e 13 ou mais anos de estudos tiveram uma queda em sua fecundidade, enquanto a faixa de 5 a 8 anos teve um pequeno aumento.

É interessante perceber que houve um decréscimo na fecundidade em todas as faixas de renda domiciliar no período analisado. Observa-se também que a fecundidade cai a medida em que a renda domiciliar per capita cresce, quaisquer sejam as outras variáveis observadas.

As mulheres nunca unidas na região Sudeste foram as únicas que apresentaram um aumento em sua fecundidade, apesar de seu estado conjugal. A intensidade desse aumento nessa categoria é tamanha, que influenciou a TFT das mulheres nunca unidas do país como um todo, aumentando em cerca de 50% em relação à TFT apurada para esta categoria no Censo de 1991.

Para o país como um todo a distribuição das mulheres, segundo faixas de rendimento próprio em salários mínimos, "se deslocou" para a direita, ou seja, as mulheres passaram a ganhar mais de uma maneira geral. Na maioria das faixas de renda, houve uma queda da TFT, exceto para a faixa de 5 a 10 salários mínimos, que apresentou um aumento.

Outro comportamento interessante observado é o das mulheres nunca unidas na zona rural e urbana: a situação sai do padrão clássico, e temos que a fecundidade na zona urbana é maior que a rural para essa categoria de mulheres.

### 3 BIBLIOGRAFIA

- [1] ALVES, José Eustáquio Diniz e FONSECA, Maria do Carmo. **Determinantes estruturais e institucionais da transição da fecundidade no Brasil**. In: *IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais ABEP*. Anais, v. 3, p. 377-92, Caxambu, outubro de 1994.
- [2] ARAÚJO, Herton Ellery e CAMARANO, Ana Amélia. **Tendências da fecundidade brasileira no século XX: uma visão estadual**. In: *X Encontro Nacional de Estudos Populacionais ABEP*. Anais, v. 3, p. 1369-90, Caxambu, outubro de 1996.
- [3] BEISSO, Serrana Garat. **Análise sócio-econômica da fecundidade no Brasil**. Rio de Janeiro: BNDE, 1981. 155p.
- [4] BONGAARTS, John e POTTER Robert G. Fertility, Biology, and Behavior. **An Analysis of the proximate determinants**. Academic press. London 1983.
- [5] CABRAL, Cristiane da Silva. **Gravidez na adolescência nas camadas populares do Rio de Janeiro: um “problema” de classe ou de geração?** *XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais ABEP*, Ouro Preto, novembro de 2002.  
[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com\\_JUV\\_ST7\\_Cabral\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_ST7_Cabral_texto.pdf)  
. Acessado em 23 de abril de 2003.
- [6] CAMARANO, Ana Amélia. **Fertility transition in Brazil in the twentieth century: a comparative study of three areas**. Tese de doutorado. University of London. 1996. 377 p.
- [7] CAMARANO, Ana Amélia. **A hipótese de convergência dos níveis de fecundidade nas projeções populacionais**. In: *São Paulo em Perspectiva*. n. 10 (2), p. 18-25, 1996b.
- [8] CAMARANO, Ana Amélia e CARNEIRO, Isabella Gomes. **Padrões de Formação de Família por Regiões Brasileira e Grupos Sociais: Diferenças ou Semelhanças?** In: *XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Anais, p. 31-50, Caxambu, 1998.
- [9] CAMARGO, Antonio Benedito Marangoni e YAZAKI, Lucia Mayumi. **A fecundidade recente em São Paulo: abaixo do nível da reposição**. *XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais ABEP*, Ouro Preto, novembro de 2002.  
[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_REP\\_MR4\\_Camargo\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_REP_MR4_Camargo_texto.pdf)  
. Acessado em 23 de abril de 2003.
- [10] CARVALHO, José Alberto Magno de; SAWYER, Diana Oya; RODRIGUES, Roberto do Nascimento. **Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia**. ABEP. *Associação Brasileira de estudos populacionais* 2ª ed., São Paulo, 1998.
- [11] FRIAS, Luiz Armando de Medeiros e OLIVEIRA, Juarez de Castro. **Níveis, tendências e diferenciais de fecundidade no Brasil a partir da década de 30**. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*. V. 8, n. 1/2, p.72-111, Campinas, janeiro/dezembro, 1991.

- [12] FRIAS, Luiz Armando de Medeiros e CARVALHO, José Alberto Magno de. **Fecundidade nas regiões brasileiras a partir de 1903: uma tentativa de reconstrução do passado através das gerações.** In: *IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Anais, v. 2, p. 23-47, Caxambu, outubro de 1994.
- [13] HOFFMANN, Rodolfo. **Distribuição de renda – medidas de desigualdade e pobreza.** EDUSP, São Paulo, 1998.
- [14] IBGE. **Censo Demográfico 1991.** Rio Janeiro, 1995. CD-ROM.
- [15] IBGE. **Censo Demográfico 2000.** Rio Janeiro, 2002. CD-ROM.
- [16] Nações Unidas. **Manual X – Técnicas Indirectas de Estimacion Demografica.** *ESTUDIOS DE POBLACION 81*, Departamento de Asuntos Económicos y Sociales Internacionales, Nova York, 1986.
- [17] PASCOM, Ana Roberta Patí. **Mudanças no comportamento reprodutivo das mulheres brasileiras – um estudo comparativo entre 1986 e 1996.** *Dissertação de mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais*, ENCE/IBGE, julho de 2002.
- [18] PATARRA, Neide L. e OLIVEIRA, Maria Coleta F. A. de. **Transição, transições.** In: *VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, Anais, v. 1, p. 17-36, Olinda, 1988.